

Lemos, Carlos
A mãe dos deuses também era estrangeira

ANAIIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

A mãe dos deuses também era estrangeira (ou sobre a constância do sábio)

Carlos Lemos
Pesquisador do Laboratório *Ousia* de Estudos Clássicos

RESUMO: O presente artigo trata da constância do sábio, conforme Sêneca. Para determiná-la partimos das clássicas definições de sábio: erudito, impassível, continente, herói. Aristóteles concebia o sábio como o erudito. O objetivo dessa análise é observar qual o comportamento que deve adotar um sábio diante das questões éticas e políticas. Contrário a Aristóteles, os cínicos e os estoicos não consideraram a erudição como de grande utilidade nesses campos. A sabedoria para eles é a virtude do herói. Os sofistas e os socráticos, por outro lado, entendiam o sábio como o continente. Particularmente os estoicos aderiram à concepção de sábio como impassível. Sêneca contempla essas definições e toma, então, o partido de Antístenes, e vai considerar que o caráter do sábio é definido pela constância. Por que Sêneca tem essa posição? Devido ao exemplo de Antístenes, que, diante da ofensa de ser um mestiço, recorre ao humor, a saber, a mãe dos deuses também era estrangeira, para mostrar que não foi atingido, por ser capaz de manter-se imutável diante da injúria. É o mesmo que dizer que o sábio é imutável como o herói, a saber, o sábio é o que se mantém constante em todos os momentos. Como os heróis Ulisses e Hércules, os sábios são invictos nos trabalhos, depreciadores do prazer e vencedores de todos os perigos. O sábio não se regozija nem se abate com a fortuna.

PALAVRAS-CHAVE: Sêneca; sábio, constância; erudito, impassível, continente, herói; Aristóteles; cínicos, estoicos, sofistas, socráticos; Antístenes.

ABSTRACT: This article deals with the constancy of the wise man, according to Seneca. To determine it we departed from the classical definitions of the wise man: scholar, impassive, continent, hero. Aristotle conceived of the wise man as a scholar. The aim of this analysis is to observe what behavior should adopt a sage on the ethical and political issues. Contrary to Aristotle, Cynics and Stoics did not consider how learning could be useful on those fields. Wisdom is for them the virtue of the hero. Sophists and Socratics, on the other hand, understood the sage as the continent. Particularly the Stoics joined the design of the wise man as impassive. Seneca offers these definitions and then takes the example of Antisthenes, and will consider that the character of the sage is defined by constancy. Why did Seneca have this position? Due to the example of Antisthenes, before the offense to be a half-breed, he resorts to humor, namely, the mother of the gods was also an alien to show that was not affected, by being able to keep unchanged before the injury. It's the same as saying that the sage is immutable as the hero, namely the wise man is who remains constant at all times. As the heroes Odysseus and Hercules, the sages are unbeaten in work, detractors of pleasure and winners from all dangers. The wise do not rejoice nor is brought down by fortune.

KEYWORDS: Seneca; wise man (sage), constancy; scholar, impassive, continent, hero, Aristotle, Cynics, Stoics, Sophists, Socratics; Antisthenes.

Lemos, Carlos
A mãe dos deuses também era estrangeira

Aristóteles, na *Ética a Nicômaco*, delimita com precisão seus interlocutores e sua definição do sábio é apresentada de forma percuciente. Seus interlocutores foram os sofistas e os socráticos; ele define o sábio como aquele que detém a erudição.

Todos procuramos entender o que seja a sabedoria. A σοφία. Que está na palavra filosofia, o amor pela sabedoria. Mas afinal, o que é a sabedoria? Se fôssemos entrar nas questões etimológicas a sabedoria é a habilidade. Portanto é um sábio aquele que tem habilidade seja lá para o que for. Um mecânico de automóvel, um poeta, um físico quântico. Porém, vamos restringir o nosso campo de investigação: a habilidade de gerir a si próprio e aos outros. Queremos nos dar bem na vida, mas isso só é possível se nossa convivência com os outros, que também querem se dar bem na vida, for concorde. Estamos então falando de vida em sociedade, de ética, e de política, ou melhor, de ética na política. As coisas então deixam de ser tão simples como pensamos, já que a ética e a política foram sempre matérias afeitas à controvérsia.

Se formos nos deter nas diversas teorias éticas, poderíamos deduzir que há pelo menos quatro concepções de sábio na filosofia, e, coisa curiosa, isso ocorre também no uso comum da linguagem. Aceitemos que sejam estas as concepções de sábio:

1 – sábio é o homem erudito, ou seja, aquele que acumula através do tempo informações científica e técnica.

2 – sábio é o homem impassível, que passa pelos problemas sem ser atingido por eles.

3 – sábio é o homem continente, que se contém diante de qualquer mal.

4 – sábio é o herói, aquele que é dotado de todos os poderes, que o levam a uma categoria acima de todos os outros homens.

Aristóteles, após dar sua concepção de sábio como o homem erudito, aquele que une a inteligência à ciência (σοφία νοῦς καὶ ἐπιστήμη, EN VI 1141 a, 19), examina, no capítulo seguinte (que constitui com o capítulo X um tratado sobre o prazer) as concepções 3 (continente) e 4 (heroico) e a elas vai se opor. Adiante ele irá tratar da concepção 2 (impassível). Ainda veremos ao final deste trabalho outra observação sua a respeito dessa definição de sábio. Sobre o sábio heroico, cita Homero, que diz de Heitor que ele não parecia filho de mortal, mas alguém da semente dos deuses (“οὐδὲ ἔφκει ἀνδρός γε θνητοῦ πάϊς ἔμμεναι ἀλλὰ θεοῖο.”, EN VII 1145 a 21-22). Não nos parece que Aristóteles tenha sido feliz ao passar tão rapidamente, na introdução do capítulo VII, pela questão do heroísmo como caráter do sábio; apesar da brevidade, vemos, no entanto, o cuidado intelectual dele, pois não deixa de referir-se às outras concepções que não a sua; padrão de sua genialidade e sua

Lemos, Carlos
A mãe dos deuses também era estrangeira

honestidade, que é não negligenciar nenhum aspecto de qualquer questão que trate. Dizemos que não foi feliz porque as concepções que tiveram maior repercussão na discussão sobre ética e política, no tempo que se seguiu a ele foram as do cinismo e do estoicismo, que consideravam o conhecimento científico de pouca utilidade para a prática das virtudes

Logo a seguir Aristóteles vai criticar a concepção 3 (continente), que reúne então seus dois interlocutores, os socráticos e os sofistas. Ambos assumiam a concepção de que o sábio é o continente (ἐγκρατής), ou seja, é aquele que consegue dominar-se, pois tem o conhecimento do que seja o mal. Depois de julgar ninguém poderia agir contrariando esse juízo (ἀκρασία), diz Sócrates, e Aristóteles rebate que essa opinião de Sócrates contradiz os fatos observados (EN VII 1145b 25-28). O próprio Sócrates teria dito, como se lê no diálogo *Protágoras* (352), de Platão, que um homem pode ter um bom juízo, e não ser governado por ele, mas por outra coisa, ora pela paixão, ora pelo prazer, ora pela dor, às vezes pelo amor, e frequentemente pelo medo, e como um escravo é arrastado por qualquer outra força que não a do conhecimento. A incontinência, ἀκρασία, é a fraqueza da vontade. Tanto sofistas como socráticos compartilhavam da noção de sábio como aquele que tem continência, κρᾶσις; em termos éticos, a boa mistura de juízo e virtude. O que faz a diferença é que os socráticos acreditavam que a virtude não era um conhecimento que podia ser objeto de ensino, tese defendida pelos sofistas, que ganhavam dinheiro ensinando a virtude aos jovens. Não podemos esquecer que a educação da virtude dada aos jovens na Atenas dos séculos cinco e quatro tinha o objetivo específico de formar cidadãos capazes de gerir os negócios da cidade, ou dizendo com maior clareza, os políticos. A diferença da abordagem dos socráticos da abordagem dos sofistas na educação dos jovens estava no método, enquanto socráticos procuravam, através do exame e da dialética levar a pessoa a reconhecer que não sabe o que seja a virtude, os sofistas usavam da persuasão para conduzir os jovens à virtude através da retórica. O duelo que se travou foi entre a dialética e a retórica.

Não cuidamos até agora da concepção 2, sábio é o homem impassível; etimologicamente uma palavra derivada do latim *passio*, que significa paixão. Em grego, πάθος, a saber, sofrer alguma coisa, ser afetado, ser atingido. Esse estado de impassibilidade é chamado em grego ἀπάθεια, de que temos, em português, apatia. O sábio seria o apático? Parece-nos que seria um estado muito insípido para dar-se bem na vida. Essa é uma questão interessante para quem estuda o estoicismo, pois a ética estoica é a ética da ἀπάθεια. Temos na nossa linguagem corrente uma concepção do que seja passar pelos problemas com estoicismo. Não nos deixemos enganar por essa aparente banalidade, o estoicismo é uma

Lemos, Carlos
A mãe dos deuses também era estrangeira

corrente filosófica de rara complexidade, uma vez que na sua concepção de mundo há uma razão que regula todas as manifestações, sejam lógicas, físicas ou éticas, a que dão o nome de natureza. Se se segue a natureza se é feliz, nos damos bem, se nos deixarmos levar pela paixão, contrariamos a natureza, logo ἀπάθεια não é uma insensibilidade, insipidez, mas uma luta, um esforço contra a paixão.

Apresentadas essas quatro concepções de sábio num panorama geral da questão, podemos então nos voltar para o nosso objetivo: investigar a constância: o sábio seria o homem constante, conforme Sêneca defendeu no seu opúsculo, justamente intitulado, *A Constância do Sábio*.

Trata-se de uma carta que Sêneca dirige a seu amigo Sereno, que começa com estas palavras:

Tantum inter Stoicos, Serene, et ceteros sapientiam professos interesse quantum inter feminas et mares non immerito dixerim, cum utraque turba ad vitae societatem tantundem conferat, sed altera pars ad obsequendum, altera imperio nata sit.

Tanto entre os estoicos, ó Sereno, e os outros professores de sabedoria, diria sem demérito que há uma diferença quanto entre mulheres e homens, porque com sua discussão contribuem de modo igual para a vida em sociedade, mas uma parte nasceu para obedecer e a outra para mandar.

O opúsculo de Sêneca, do meu ponto de vista, é, em termos de análise filosófica, cheio de dificuldades, já que, à primeira vista, ele mira para todos os lados, para o estoicismo, declaradamente, pois já nas primeiras palavras ele cita os estoicos, para o aristotelismo, para o platonismo, para a sofística, para o cinismo, para o epicurismo. Entretanto ele só tem um alvo, alvo aqui no sentido de objeto de admiração e não de detrimento. Que alvo é esse? Sêneca só vai revelá-lo no penúltimo capítulo: sua admiração de discípulo tem como objeto um mestiço, filho de pai grego e mãe estrangeira, que padeceu sempre de bom humor as contumélias que lhe faziam por sua origem: Antístenes de Atenas. De nome pouco conhecido nas rodas filosóficas, é o alvo da exposição que faz Sêneca da sua concepção de sábio como constante. Ao dizer, nesse capítulo, que a paciência e o bom humor imprimem o caráter do verdadeiro sábio, traz como exemplos o socrático Antístenes e seu mestre, Sócrates:

Respiciamus eorum exempla, quorum laudamus patientiam, ut Socratis, qui comoediarum publicatos in se et spectatos sales in partem bonam accepit risitque non minus quam cum ab uxore Xanthippe immunda aqua perfunderetur. Antistheni mater barbara et Thraessa obiciebatur ; respondit et deorum matrem Idaeam esse¹.

¹ Esta passagem, “Antistheni mater barbara et Thraessa obiciebatur ; respondit et deorum matrem Idaeam esse”, constitui o fragmento 122c na coleção de documentos sobre Antístenes de Decleuva Caizzi. Alguns autores atribuem, no entanto, a frase a Ifícrates, general ateniense; não temos notícia das fontes, por tal motivo

Lemos, Carlos
A mãe dos deuses também era estrangeira

Ponhamos os olhos nos exemplos daqueles cuja paciência louvamos, como foi Sócrates, que recebia de cara boa os ditos contra ele esperados e publicados nas comédias e se ria deles, não menos que quando sua mulher Xantipa deu-lhe um banho de água suja, e Antístenes, quando lhe objetaram que sua mãe era uma bárbara da Trácia, respondeu que a mãe dos deuses era da Frígia.²

Convenhamos que não possa ser uma citação gratuita a de Antístenes, discípulo devoto de Sócrates, feita por Sêneca numa exposição filosófica escrita para definir o sábio. Quero ver se serei feliz na minha interpretação.

O primeiro ponto está na disparidade que há entre o caráter do sábio estoico, a impassibilidade, e o do sábio senecista, a constância. *Prima facie* há uma proximidade de sentido, já que a constância passa pela impassibilidade, o que merece, inclusive, a atenção de Sêneca, pois ele se coloca de início como um estoico, e assim é visto nos manuais. Antístenes, historicamente, pertenceria a uma sucessão de seitas, que têm origem em Sócrates, passa pelos cínicos e chega aos estoicos. O estoicismo teve uma enorme repercussão em Roma. Entretanto, se bem que quase nada tenha restado da obra de Antístenes, o que temos dela são apenas fragmentos, a discussão de suas teses perpassa toda a história do pensamento ocidental chegando até o romancista James Joyce, no seu *Ulisses*. Vamos encontrar citações de Antístenes em outros estoicos romanos. A pergunta então é por que não Sêneca manteve a concepção de impassibilidade e deu preferência à constância. Se conseguir responder a isso, terei atingido o objetivo deste estudo.

O que está em jogo, nos parece, é a imutabilidade, isto é, o sábio não é só aquele que passa inatingido pela paixão, ele é aquele que não muda. Só os deuses têm esse caráter. Sêneca teria então, para nós, uma concepção de sábio como o herói, que é próximo dos deuses. E Antístenes ao responder que era um bastardo (para usar uma palavra mais educada que aquela expressão que diria com mais precisão de que o objetavam) estava querendo dizer que ele era um sábio. De tal forma, a concepção de sábio como o homem constante é o mesmo que dizer que o sábio é o herói.

acompanhamos a atribuição acolhida por Decleva Caizzi. Logo no início da narração da vida de Antístenes, Diógenes Laércio cita a frase como uma bem humorada resposta às injúrias que recebia por sua origem. Por outro lado, tanto ele como Sócrates foram heróis na batalha de Tanagra, é o que a seguir conta Laércio, tornando-se, então, possível que se conjecture que a frase fosse corrente nas fileiras dos campos de batalha entre os soldados quando recebiam alguma ofensa, no espírito jovial entre camaradas. Daí, talvez, a outra atribuição.

² Júpiter era filho de Saturno e Cibele, que era originária da Frígia, uma estrangeira, portanto. Um deus, por conseguinte, também pode ter origem espúria, o que levava Antístenes a se honrar com a proximidade de sua biografia com a de um deus. Essa relação materna de um deus filho de estrangeira vai ocorrer também no cristianismo, em que Maria, mãe de Jesus, é originária de Nazaré, uma cidade que não era bem considerada pelos judeus, como podemos ler em João, 1: 46, "Pode algo de bom sair de Nazaré?"

Lemos, Carlos
A mãe dos deuses também era estrangeira

E o que é o herói? Nós que crescemos e vivemos assistindo a feitos de heróis em todos os meios ficcionais, sabemos que o herói é aquele que luta. A condição do comportamento ético heroico é o esforço. Como diz Hirschberger: “Heroísmo e vontade, não para criar o mundo, mas para lavrar sua existência neste mundo; não tratando de reformá-lo, inútil empenho, mas adaptar-se sofredamente a suas inexoráveis exigências. Cada dia a fortuna nos prega novas peças; em vez de ceder ou olhar de lado as provações, resistir burlando a fortuna, tenazmente, invictamente.”³ Dizemos: o herói sempre vence. Esse *aliquid invictum*, esse *aliquem, in quem nihil fortuna possit, e republica est generis humani*. (“Ser aquele que é invencível, ser alguém com quem nada possa a fortuna, cuja república é o gênero humano.”) São as palavras derradeiras da carta.

Antístenes acrescentou um traço ao caráter heroico do sábio, a habilidade de falar para cada interlocutor com uma linguagem adequada a este; para o jovem, não se deve usar uma linguagem de homem adulto, com as mulheres outra deve ser a fala. É o que designamos a retórica heroica. E seu modelo é Ulisses. No entanto, usar a linguagem de tal forma pode levar a que se entenda que quem o faz é um enganador. E o herói homérico assim é entendido em muitas exegeses. Sêneca também era um retórico. No texto citado, da introdução do opúsculo podemos observar um exemplo muito curioso do uso da retórica. Retomemos; Sêneca diz a Sereno: *cum utraque turba ad vitae societatem tantundem conferat*, que traduzimos como “porque com sua discussão contribuem de modo igual para a vida em sociedade”.

Para nós, que falamos português, a palavra “turba”, cuja origem é essa palavra no texto latino, indica multidão, tumulto. Dá-se o mesmo em latim. No entanto, Sêneca não está tratando nem da multidão, nem de tumulto. Ele está usando um tropo retórico; como está, na tradução, “turba” remete a “discussão”. É claro que, no português, o uso retórico de “discussão”, quando se argumenta em um simpósio, está tão enraizado, que mal nos damos conta de sua indicação de animosidade, briga, tumulto. Ora, o mesmo poderia dar-se em latim, mas não, o latim, para a argumentação intelectual pacífica tem o termo *disputatio*, que poderia muito bem ter sido usado por Sêneca. Era, aliás, o termo corrente nas trocas de argumentos; O grande retor Quintiliano chamava a dialética de *disputatrix* nas *Institutiones Oratoriae*, de que sabemos ser uma obra apreciada por Sêneca.

³ 1985, p. 530. A tradução é nossa.

Lemos, Carlos
A mãe dos deuses também era estrangeira

O uso deste mesmo termo, “turba”, nos remete ainda a Plauto, comediógrafo latino. Em sua comédia, *Persa*, dois escravos, que estão aprontando uma para cima de um procurador (*leno*), dizem: *Toxilus: ...ubi cum lenone me videbis conloqui, tum turbam facito. Sagaristio*, o outro escravo: *Dictum sapienti sat est*. “Toxilus: assim que me vires conversando com o procurador, então faz uma cena. Sagaristio: Para o sábio uma palavra basta.”

O uso de uma palavra que era muito comum nos comediógrafos com a expressão *turbam facere*, “fazer uma cena”, coloca, de saída, o leitor de espírito leve. Sêneca, na verdade, vai tratar de um assunto de extrema relevância e gravidade, o comportamento do homem diante da adversidade, principalmente do homem que vai cuidar da cidade, o político. Não vamos nos deter em sua biografia; porém, Sêneca, que teve uma vida muito agitada, é bastante conhecido por sua função de educador do príncipe, no caso, Nero. E essa atividade era guiada pelos princípios éticos do estoicismo.

Essa profissão de fé estoica é feita logo de saída, colocando de forma jocosa, então, de um lado os estoicos, diante dos outros professores de sabedoria. Por Cícero sabemos que Aristóteles era uma figura respeitada, mas cujo pensamento não penetrava a forte corrente estoica que dominava o pensamento romano. Sêneca compara a oposição entre estoicos e aristotélicos com a relação entre homem e mulher. E aqui fica nítida a intenção cômica, pois sabemos aonde pode chegar uma discussão entre gêneros. Ele compara os estoicos aos homens e o aristotelismo às mulheres. E vai dizer essa preciosidade, eles nasceram para mandar e elas para obedecer.

A seguir, no opúsculo, Sêneca recorre ao tratamento das doenças, outra figura muito comum nas argumentações sofisticadas. Os estoicos tratam a conduta dos homens com o rigor dos médicos, enquanto a medicina caseira é muito branda. Essa imagem do médico que infringe dor ao paciente para curá-lo foi também usada por Antístenes quando diz, ao lhe perguntarem por que tratava com bastonadas seus discípulos (dizia-se que seu bastão era de prata, mas não cremos que esse material tenha virtudes analgésicas), respondia que também os médicos fazem seus pacientes sofrerem para curá-los.

Porém, não nos enganemos com a imagem de Sêneca na questão dos gêneros. A diferença entre homens e mulheres não está, e isso é visto mais adiante na carta, nos papéis de domínio e subserviência. Como aí mesmo se lê, ambos, homens e mulheres, contribuem de modo igual para a vida em sociedade. Isso vale dizer que a constância não é apanágio de um gênero, de uma classe, de uma raça, nem de origem. Os escravos têm, no opúsculo, um

Lemos, Carlos
A mãe dos deuses também era estrangeira

tratamento muito distante daquele de trabalho e castigo. Sêneca descreve as relações entre senhor e escravo com toques de humor, como o costume de treinar os jovens escravos a produzir ditos licenciosos e abusivos dirigidos tanto ao senhor como aos seus amigos, o que parecia diverti-los muito. Plauto, que explora bastante essa graça dos escravos, põe na boca de um personagem escravo uma imprecação a Júpiter lembrando-o de sua origem, “ó filho de Ops”. A deusa Ops dos romanos era Rhea Sílvia para os gregos, filha do Céu e da Terra; teve Júpiter de Saturno, como já dissemos, e era conhecida por vários nomes, principalmente Cibele, e ainda Boa Deusa, Grande Mãe, Terra e *Mater Phrygia* (a mãe frígia), conforme diz Sêneca, ao testemunhar Antístenes, como vimos.

A vida política romana era atribulada pelas precauções necessárias à sobrevivência e à ameaça da perda da liberdade. Na verdade, a filosofia foi um refúgio para a insegurança instalada na vida em sociedade. Duas eram as seitas a que os políticos se refugiavam para evitar sofrer os perigos da época: a epicúrea e o estoicismo. Sêneca, com seu enorme poder de retor e grande filósofo estava no olho do furacão. Essas informações manualescas, no entanto, encobrem a complexidade do pensamento senecista. Existem, entre os estudiosos do helenismo, diversas dificuldades de tratar das relações perigosas entre os pensamentos antistênico, cínico e estoico. Há de fato um antistenismo, que se liga principalmente à lógica neoeleática, e Aristóteles discutiu muito com os antistênicos a esse respeito, porém em matéria de ética é muito difícil afastar o pensamento ético de Antístenes do dos cínicos e estoicos. Como no exemplo trivial dos grandes modelos de sabedoria heroica, Ulisses e Hércules. Sêneca os cita como sábios para os estoicos. Essa é uma tradição da ética antistênica, que opõe o trabalho aos prazeres; diz Antístenes, segundo Estobeu, *Antologia*, III, 29, 65⁴: ἡδονὰς τὰς μετὰ τοὺς πόνους διωκτέον, ἀλλ' οὐχὶ τὰς πρὸ τῶν πόνων. (“É preciso perseguir os prazeres depois dos trabalhos, mas não persegui-los antes dos trabalhos”).

O confronto entre ἡδονή (prazer) e πόνος (trabalho), esse era o fundamento da ética antistênica. E como Sêneca (cap. 2) a apresenta:

Ulisses e Hércules, os sábios por excelência, eram

1. invictos nos trabalhos;
2. depreciadores do prazer;
3. vencedores de todos os perigos.

⁴ Esta citação constitui o fragmento 113 na coleção de documentos sobre Antístenes de Decleva Caizzi.

Lemos, Carlos
A mãe dos deuses também era estrangeira

Eis a proposta de vida de Sêneca para exorcizar os perigos da vida em Roma. Sêneca apresenta as objeções do amigo Sereno, que o acusa de retórico com sua proposição formosa e magnífica sobre o sábio.

...cum pauperem negastis esse sapientem... solere illi et servum et tectum et cibum desse... cum sapientem insanire, non negatis et alienari et parum sana verba emittere...cum sapientem servum esse, idem non itis infitias et veniturum et imperata facturum et domino suo servilia praestaturum ministeria.

...o sábio não pode ser pobre... mas costuma faltar-lhe escravo, teto e alimento... que o sábio pode enlouquecer, não negas, mas pode alienar-se e proferir discursos pouco sensatos... se não pode ser escravo, também não contestas que pode ser vendido e que deve obedecer a seu amo fazendo todos as tarefas servis.

E Sereno conclui: *mutatis rerum nominibus* (“apenas mudas o nome das coisas”). Essas são palavras que afrontam o princípio mesmo da ética como fora preconizado por Antístenes, pois, para este, ἀρχὴ παιδείσεως ἢ τῶν ὀνομάτων ἐπίσκεψις⁵, “a investigação dos nomes é o princípio da educação.”

Sêneca responde à afronta de Sereno com uma primeira descrição do caráter do sábio dizendo que não quer adorná-lo com palavras honrosas, mas colocá-lo num lugar onde não possa ser vítima da injúria. Antes de apresentar a descrição do caráter do sábio feita por Sêneca, voltemos à objeção de Sereno, onde este desenha o retrato do sábio. Esse retrato é perfeitamente identificado com o sábio cínico, mais especificamente Diógenes de Sinope. Aí estão a opção pela pobreza, a ausência de um teto sob que morar, o comportamento ensandecido (que levou Aristóteles a dizer que Diógenes era um Sócrates que se tornou louco), as palavras insensatas e desbocadas e, inclusive um aspecto biográfico dele, ter sido vendido como escravo. Parece que essa figura do sábio cínico seria muito popular em Roma, já que Plauto o descreve com todas as suas marcas (*Persa*, 1, 3): cínico necessitado carrega consigo uma garrafa de couro, uma almofaça (não sabemos se pode corresponder ao bastão), um alforje, um par de sandálias, um manto.

Não está em nosso objetivo dar uma distinção de caráter histórico entre cinismo e estoicismo no século um em Roma. Sabemos com certeza que essas seitas tinham uma influência muito grande no pensamento da época, e, principalmente no comportamento dos próprios cidadãos. Estamos deixando bastante de lado o epicurismo, pois nossa intenção é ressaltar os vestígios da doutrina ética dos antistênicos, e não expor o confronto entre estoicos e epicúreos quanto ao prazer. Porém, parece-me que está claro com os testemunhos apresentados, que havia uma distinção muito precisa entre cínicos e estoicos. Estes dois

⁵ Frag. 38, na coleção de Decleva Caizzi. Arrian. Epict. diss. I. 17,10.

Lemos, Carlos
A mãe dos deuses também era estrangeira

pontos, portanto, estão afastados da nossa investigação: a distinção histórica entre cinismo e estoicismo e o debate a respeito do prazer entre estoicos e epicúreos.

Voltemos ao caráter do sábio; descrevê-lo, a partir de agora, será na carta, como resposta à objeção de Sereno, a tarefa de Sêneca, sempre com a remissão à filosofia moral de Antístenes.

Aqui quero fazer um reparo: pouco conhecido como é, Antístenes o é mais ainda porque só temos de sua extensa obra fragmentos colhidos em outros autores. Esses fragmentos me parecem, no entanto, descarnados, como se pode observar no exemplo do fragmento que se refere à investigação dos nomes. Falta a sua contextualização. Procuramos então saber por que motivo, no desenvolvimento de sua argumentação os autores citam Antístenes. Minha pergunta, neste caso especial da *Constância do Sábio*, então é: por que Sêneca, após defender a tese da imutabilidade (constância) do sábio, o que o iguala ao deus, cita Antístenes, juntamente com Sócrates?

O caráter do sábio é impresso com três marcas:

1. ele não aceita a injúria;
2. ele despreza a contumélia;
3. ele não se regozija ou se abate com a fortuna.

As duas primeiras ele recebe dos homens, a terceira dos deuses. Ignorar as primeiras e submeter-se à terceira é a conduta que caracteriza a constância do sábio. Sêneca distingue nitidamente a afronta dos homens entre injúria e contumélia. A injúria é mais grave, injúria é padecer algum mal, no corpo ou na dignidade. Trata-se de uma ignorância, de uma fraqueza, ofender-se com a injúria. O fim da injúria é fazer algum mal em quem a recebe, porém a sabedoria não lhe deixa lugar para entrar, pois vingar-se da injúria é honrar a quem a fez. Onde entraram a virtude e o honesto não entra a torpeza. Já as contumélias são as pequenas ofensas, trata-se das pequenas lamentações, quando se é objeto de descaso, de palavras insidiosas, de chistes grosseiros, que podem nos ocupar o espírito desnecessariamente, nada são em comparação à injúria, que é aquilo que pode ferir o sábio, como as dores do corpo, a fraqueza, a perda de filhos e amigos, as guerras. De tal modo o homem sábio é o que se levanta sobre as coisas humanas, conforme então à lição de Antístenes⁶:

Qui enim rebus humanis studet et mentis suae prudentiam calliditatemque suam revus tam vilibus et angustis includit, is, non sapiens est, sed animali similis, cui sterquilinium gratum est.

⁶ Na coleção de Giannantoni, frag. v A 96 G, em latim, Temist. *περὶ ἀρετῆς*. Na coleção de Decleva Caizzi. Temist. de virtute, em tradução do siríaco para o alemão de Gildemeister-Bücheler. Frag. 27.

Lemos, Carlos
A mãe dos deuses também era estrangeira

Aquele cuja diligência está voltada para as coisas do mundo e que encerrou a razão e a prudência do espírito no que é fraco e tacanho, não é um homem sábio, mas é como um animal que se compraz num monte de esterco.

A terceira marca é a constância diante da fortuna. Para Sêneca, o sábio não se entrega à fortuna, contentando-se com a virtude, pois a fortuna não dá virtude, portanto, não pode tirá-la. O homem sábio olha imutável as dores, as perdas, as chagas, as feridas; placidamente sofre as coisas adversas e goza com moderação as prósperas, sem render-se àquelas nem desvanecer-se com estas. Não julga que algo seja seu senão si próprio, as coisas caducas mudam de dono, mas o que toca ao sábio com ele está e estará sempre. Poderíamos dizer que o sábio sempre é; imutável, muito próximo dos deuses, com exceção da mortalidade. Porém a morte não é um mal, portanto, não é injúria. Sempre que a fortuna se encontra com a virtude, sai inferior. Nem sempre se pode separar a fortuna da vida no comércio com os homens, já que essa age com a mão dos poderosos; Sêneca os chama de “os de roupas largas”.

Os pontos de vista de Sêneca são os mesmos que Antístenes apresenta no *Banquete*, de Xenofonte, a respeito da liberdade do filósofo⁷, em que ele diz que a riqueza e a pobreza não estão nas propriedades, mas na alma do homem. O sábio caminha assim contra a opinião dos homens. Sereno objeta que essa doutrina é contrária à natureza uma vez que é impossível ser sereno diante da dor. É um argumento que está também na *Ética a Nicômaco*: “Os que dizem que o homem torturado no cavalete ou aquele que sofre grandes infortúnios é feliz se for bom estão disparatando, quer falem a sério, quer não”.⁸ A que Sêneca retruca com o exemplo do valor de um gladiador (cap. 16), aquele que sofre as feridas com firmeza e aquele que volta os olhos para a plateia. Estamos, assim, portanto, não só no terreno da impassibilidade, mas principalmente do herói.

O que dá ao sábio essa heroica imutabilidade (constância) é, como já foi dito reiteradamente, a virtude. Ora, já vimos que a virtude acarreta algumas questões, como se ela pode ser ensinada, que ela pode não ter força para conter o vício que se segue arrastado pela paixão. Então Antístenes, ao contrário de Sócrates, aponta para uma concepção de virtude, que é a apresentada por Sêneca que diz que a virtude coloca o sábio em outras paragens do mundo. A virtude, segundo eles, é uma muralha inexpugnável, ela não pode ser vencida e tampouco perdida, como se lê nestes dois fragmentos de Antístenes.

⁷ Frag. 117 na coleção de Decleva Caizzi.

⁸ οἱ δὲ τὸν τροχιζόμενον καὶ τὸν δυστυχίαις μεγάλαις περιπίπτοντα εὐδαιμόνα φάσκοντες εἶναι, ἐὰν ᾗ ἀγαθός, ἢ ἐκόντες ἢ ἄκοντες οὐδὲν λέγουσιν. (EN VII 1153b 20). É possível que Aristóteles esteja se referindo aos antistênicos, pois para estes o bom demônio, conforme a etimologia de εὐδαιμονία, independe da fortuna. Essa sugestão de interpretação parte do artigo de Aldo Brancacci (1992).

Lemos, Carlos
A mãe dos deuses também era estrangeira

ἀναφαίρετον ὄπλον ἡ ἀρετή·
ἀσάλευτα δὲ τὰ τῆς ψυχῆς τείχη καὶ ἀρραγῆ⁹

Como diz Sêneca, no capítulo cinco, a virtude é como uma muralha que não pode ser derrubada, nem fendida. A virtude não se perde. Seguindo o mestre que disse ser a virtude uma arma que não se perde e para a alma é uma muralha imutável e sem fendas.

Porém, como chegar tão próximos dos deuses? Em primeiro lugar, digo eu, os deuses se aproximam muito dos homens, mas ao contrário destes não se ofendem se ouvem palavras injuriosas dirigidas a sua mãe. A grande diferença entre deuses e homens é o esforço, o trabalho. O mito de Hércules é o exemplo mais exuberante dessa concepção ética. Foi através do trabalho que ele foi recebido entre os deuses. Segundo Rodier¹⁰, o princípio mesmo da doutrina moral, de Antístenes, e se poderia talvez dizer, de Sêneca, está longe de ter sido elucidado. Alguns pontos, no entanto, me parecem muito claros, é uma ética sensista e não intelectualista, pois ela não dá margem a muitos raciocínios nem exige conhecimentos matemáticos. No entanto, ela permite a compreensão da vida em sociedade, pois é uma ética do cuidado, do cuidado de si e dos outros. Algumas vezes, enquanto refletimos, pensamos que todas essas máximas tem uma aparência muito trivial. Quantos provérbios não ouvimos que dizem para não fazer aos outros etc. etc. etc. ...

O que esquecemos é que crescemos e fomos criados dentro da moral cristã, que muito deve ao cinismo e ao estoicismo. A saber, moral que prega o ascetismo como a prática mais eficaz para a saúde da alma. Não vamos esquecer, no entanto, que, na origem, ascese não significava elevação mística, mas exercício, seja físico, seja espiritual.

É possível, o que não sei é que seja provável, que a leitura dos autores morais estoicos e cínicos possa nos levar a responder aos desafios da política, da vida na cidade, que enfrentamos todos os dias. A fim de que tal leitura não pareça um exercício banal de verdades consabidas, ou exercício prazeroso, mas não produtivo, da atividade acadêmica.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS

DECLEVA CAIZZU, F. *Antisthenis Fragmenta*. Milão: Varese, 1965.

⁹ Fragmentos 71 e 90 na coleção de Decleva Caizzi, respectivamente. Diocl seg. DL VI-12; Epif. adv. haeres. III, 26.

¹⁰ 1926.

Lemos, Carlos
A mãe dos deuses também era estrangeira

GIANNANTONI, G. (ed.) *Socratis et Socraticorum Reliquiae*. Nápoles: Bibliopolis, 1990 (2ª ed.)

SÊNECA. *De constantia*. In: *Moral Essays: volume 1*. John W. Basore. London and New York. Heinemann. 1928..

FONTES SECUNDÁRIAS

BRANCACCI, A. “Struttura compositiva e fonti della terza orazione ‘Sulla regalità’ di Dione Crisostomo: Dione e l’“Archelao” di Antistene”, in *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt* (nº 36). Org. Wolfgang Haase. Berlin: de Gruyter, 1992.

FOUCAULT, M. *Le Gouvernement de Soi et des Autres. Cours au Collège de France. 1982-1983*. Paris: Gallimard-Seuil, 2008.

HIRSCHBERGER, J. *Historia de la Filosofía*. Barcelona: Herder, 1985.

LÉVY, C. & GROS, F. (org.) *Foucault et la Philosophie Antique*. Paris: Kimé, 2003.

RODIER, G. *Études de Philosophie Grecque*. Paris: Vrin, 1926.

[Recebido em dezembro 2011; aceito em dezembro 2011]